

Mais tempo de estudo, menos desemprego, sugere a OCDE

The Economist

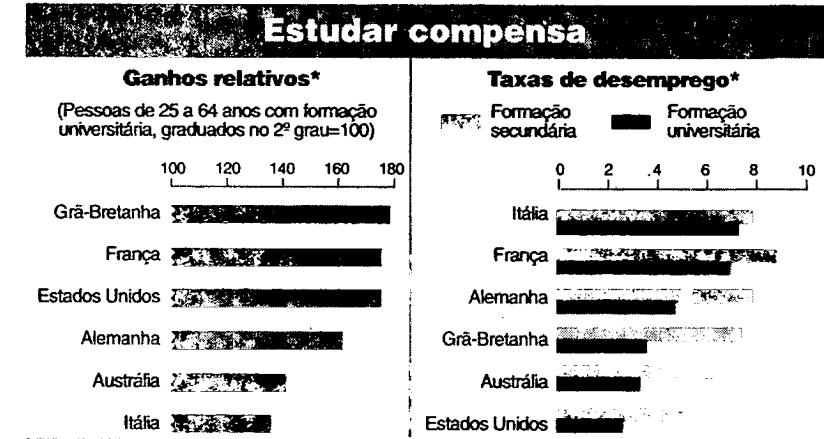
Houve época em que ir para a universidade era algo exclusivo da elite – tinha a ver com muros cobertos de hera e sanduíches de pepino em caprichados gramados. Agora, o ensino universitário tornou-se um negócio do mercado de massa. Em 17 países da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), a proporção média de jovens entre os 18 e 21 anos com educação superior aumentou, dos 14,4% em 1985, para 22,4% em 1995. O custo também aumentou: o financiamento para instrução superior responde por 1,6% do PIB. Na maioria dos países da OCDE, a maior parte do custo da universidade é paga pelos contribuintes.

Os economistas têm dois pontos de vista contrários a esse respeito. De um lado, eles encaram a educação superior como uma espécie de peneira, destinada apenas a identificar os mais inteligentes entre os futuros empregados, em vez de equipá-los com uma capacitação produtiva. Por outro, os economistas encaram a educação como um investimento que constrói o “capital humano”, tornando os indivíduos mais produtivos e, dessa forma, beneficiando toda a sociedade. A OCDE espera ponderar esses dois pontos de vista em um relatório para os ministros das Finanças, que deve ser publicado em maio. Na semana passada, a entidade publicou dois relatórios (*), deixando claro que é muito mais difícil medir os benefícios resultantes para a sociedade do que aqueles que vão para os indivíduos.

Certamente, a teoria da peneira faz algum sentido. Os anúncios classificados de empregos especificam “Procuram-se graduados”; as empresas vão aos campi para recrutar os futuros executivos; muitos países têm rígidas exigências acadêmicas para algumas profissões em particular. Tudo isso ajuda a explicar dois fatos surpreendentes: em toda parte, os graduados ganham mais que os não-graduados; e em toda parte, eles têm muito menos probabilidade de estar desempregados (ver gráficos).

Se essa peneirada fosse tudo o que a educação superior conseguia, haveria poucas razões para que o governo a subsidiasse. De uma parte, porque muitas pessoas estariam dispostas a pagar para estudar, se isso trouxesse ganho financeiro (embora possa haver empréstimos do governo para aqueles incapazes de pagar por conta própria). E de outra, na medida em o processo de passagem pela peneira beneficia toda a sociedade, certamente existem formas mais baratas de se peneirar

Mesmo em países onde são muitos, os graduados em universidades ganham melhor



Fonte: OCDE. *Dados de 1995.

do que por meio das universidades.

Alguns dos dados em apoio à tese da peneira vêm do estudo de uma comissão britânica publicado no início do ano. O trabalho observou que o salário mais elevado pago aos graduados declinou na década de 70, depois de uma grande expansão da educação superior no final da década de 60. Mas outros fatores também reduziram as diferenças de renda naquela década. Além disso, mesmo nos países da OCDE com elevadas proporções de graduados em universidades, os graduados ainda ganham muito mais do que as pessoas com menos instrução. Nos Estados Unidos, onde existe a maior proporção de graduados em universidades em todo o mundo, eles receberam em 1995, em média, 74% a mais do que as pessoas com instrução secundária e representaram metade da taxa de desemprego.

Na verdade, poucos estudantes terminam sua instrução superior sem aprender alguma coisa, e o que eles aprendem provavelmente os torna trabalhadores melhores e mais capacitados. O reembolso mais direto, na forma de rendimentos mais elevados e melhores perspectivas profissionais, beneficia individualmente os graduados. A sociedade também se beneficia dos rendimentos mais elevados, que resultam em receitas fiscais maiores e menos pagamentos para benefícios aos desempregados e apoio à renda.

O que mais poderia justificar o fato de a sociedade investir na instrução superior? A resposta mais comum é que a sociedade toda recebe benefícios, na forma de um crescimento econômico mais rápido. Uma pesquisa econômica recente dá suporte à existência de uma ligação desse tipo, ao enfatizar o papel do capital humano na promoção do crescimento e inovação. As sociedades que investem mais em educação, segundo esse raciocínio, colhem recompensas no longo prazo.

Existem muitas evidências sugerindo que as economias que fa-

zem pouco investimento em educação geralmente têm mau desempenho. Mas é muito mais difícil quantificar o relacionamento entre crescimento, de uma parte, e investimento em educação, especificamente em instrução superior, de outra. Se, pelo fato de um país gastar mais em educação superior, a freqüência à universidade se eleva de 20% para 22% no grupo etário dos 18-21, será que a economia crescerá mais rapidamente como resultado? Ninguém sabe.

Dos estudos da OCDE pode-se tirar duas conclusões. Primeiro, uma parte maior do custo da instrução superior fica a cargo do estudante. Isso tem acontecido nos EUA, onde as anuidades têm apresentado elevação muito mais rápida do que os preços ao consumidor em geral, e na Grã-Bretanha, onde, a partir do próximo mês de setembro, a maior parte dos estudantes terá de pagar mil libras (US\$ 1.651) por ano para poder estudar. Apesar da grande preocupação na Europa, de que as anuidades possam impedir jovens de ir à universidade, para a OCDE existem poucos indícios de que o fato de exigir que os estudantes participem dos custos venha a reduzir os níveis de matrículas. Nos EUA, onde os estudantes costumam pagar quase metade do custo para se formar, os níveis de matrículas são os mais elevados do mundo.

Em segundo lugar, alguns governos poderão reduzir sem grande esforço o custo da instrução universitária sem prejudicar a qualidade. As universidades alemãs, que dão instrução aos jovens por um custo médio de US\$ 8.400 por ano, parecem bem mais baratas do que as canadenses, que custam em média US\$ 11.300. No entanto, como os alemães jovens em geral passam seis anos na universidade, enquanto os jovens canadenses podem escolher cursos flexíveis, mais demorados, o custo total do Canadá por graduado qualificado é menos do que a metade do da Alemanha. A sociedade deve investir na academia, mas investir com sabedoria. ■

(*) "Education Policy Analysis" e "Education At A Glance: Indicators 1997." OCDE, Paris.